

Teoria econômica

## A complexidade em toda sua dimensão

**Forja-se uma revolução doutrinária que terá impactos enormes na sociedade e nas empresas.**

**Por José Eli da Veiga, para o Valor**

**05/04/2007**

**“The Origin of Wealth – Evolution, Complexity, and the Radical Remaking of Economics”**

**Eric D. Beinhocker. Harvard. 527 págs. R\$ 86,86**

Os melhores alunos de economia, administração e ciência política devem ser incentivados a ler este livro, mesmo que para isso tenham que trancar a matrícula por um semestre. É que depois dessa leitura será impossível acreditar em quase tudo o que os atuais cursos ensinam. Nas próximas décadas, a economia se tornará uma ciência completamente diferente da doutrina atual, que o autor chama de "tradicional" para explicar o processo em que ela está sendo radicalmente refeita. Um processo que talvez ainda demore a se completar, mas que está muito mais avançado do que pode imaginar quem desconhece todas as suas dimensões. O maior mérito de Eric D. Beinhocker foi o de articulá-las, para mostrar o panorama completo de uma verdadeira mudança de paradigma, só comparável à ascensão da teoria das placas tectônicas na geologia.

A distinção entre "economia tradicional" e "economia da complexidade" exige cinco explicações essenciais. Em primeiro lugar, os sistemas são entendidos pela economia tradicional como fechados, estáticos e sempre tendendo ao equilíbrio, enquanto na nova eles são abertos, dinâmicos, não-lineares e bem distantes do equilíbrio. Em segundo lugar, na tradicional, os agentes têm informação completa, fazem complicados cálculos dedutivos para tomar decisões, não se desviam ou erram, nem precisam de aprendizado ou adaptação, o que permite que sejam modelados coletivamente. Em contraste, na economia da complexidade tais agentes têm informação incompleta,

usam esquemas simples e práticos para tomar suas decisões, erram bastante, mas aprendem e constantemente se adaptam, o que exige modelagem individual. Em terceiro, a abordagem tradicional assume que os agentes só interagem indiretamente nos mercados, enquanto a nova explicitamente modela interações entre agentes individuais em redes de relacionamentos que estão sempre mudando. Em quarto, na tradicional continuam bem separados os campos da macro e da microeconomia, enquanto na nova não existe essa distinção, pois os padrões macro emergem como resultantes de comportamentos e interações em nível microeconômico. Quinto, na economia tradicional inexistia a possibilidade de criação endógena de novidade, ou de crescimento em ordem e complexidade, ao contrário da nova, na qual um processo evolucionário - de diferenciação, seleção e amplificação - leva o sistema a se renovar, garantindo simultaneamente seu crescimento, tanto em ordem como em complexidade.

Cada um desses argumentos sobre o contraste entre a atual teoria econômica e aquela que será ciência é examinado na segunda parte do livro, em capítulos dedicados aos seus temas essenciais: dinâmica, agentes, redes, emergência e evolução. Na terceira parte, os cinco temas são sintetizados, com o objetivo de propor uma nova definição da riqueza. E na última, o que interessa é discutir o que tudo isso pode significar para os negócios e para a sociedade, em capítulos sobre estratégia, organização, finanças e política.

É impossível imaginar que um panorama tão circunstanciado do processo de mudança paradigmática pelo qual passa a ciência econômica pudesse ter sido traçado em pouco tempo e sem forte apoio institucional. Para se ter uma idéia, desde 2002 as primeiras versões dos principais capítulos foram submetidas ao Workshop sobre Complexidade da Universidade de Michigan e ao Congresso Mundial sobre Estratégia, em Oxford. O mesmo ocorreu no Simpósio sobre Complexidade da London School of Economics, em 2004, e na Conferência sobre Sistemas Dinâmicos, em 2005. Além disso,

também foram discutidas em seminários de importantes organizações - particularmente, no Instituto Santa Fé e na McKinsey & Company, Inc. Esta última detem, aliás, a propriedade dos direitos autorais, o que por si só revela a importância do investimento feito em anos de intenso trabalho intelectual de um de seus colaboradores, para que pudesse tocar a imensa pesquisa e redigir uma obra de tamanha importância.

A principal audiência visada por Beinhocker é aquela formada pelos líderes empresariais, investidores e formuladores de políticas. Por isso, a linguagem nunca é hermética. O que pode ser ilusório, pois o autor freqüentemente lida com conceitos novos, e com resultados de pesquisas de fronteira, que não costumam ser dominados (ou mesmo conhecidos) nem pelas duas outras audiências consideradas: a dos acadêmicos e a dos mais interessados em ciência, economia, questões sociais e políticas públicas.

Certamente, não haverá acordo sobre as partes que poderão ser mais valorizadas por esta ou aquela dessas audiências. Entre os pesquisadores, por exemplo, o debate provavelmente se concentrará na definição de riqueza proposta no final da terceira parte: uma forma de entropia, que Beinhocker chama de ordem "apta, ajustada, e adaptada" - três dos principais sentidos que estão contidos na expressão "fit order". Dito assim, poderá parecer algo demasiadamente abstrato, e até perfunctório, para quem esteja habituado a pensar que a origem da riqueza é idêntica à do valor, basicamente atribuída à utilidade ou ao trabalho. O problema é que tais noções surgiram de abordagens do sistema econômico que obrigatoriamente ignoravam a evolução darwiniana e a termodinâmica, para nem falar do crucial fenômeno da emergência, tal como vem sendo tratado na biologia e na física. E o raciocínio de quem estudou economia foi profundamente condicionado por um modelo em que tudo isso aparece transfigurado na sacrossanta idéia de equilíbrio, a primeira a ser fulminada pelo autor.

Também é quase certeza que as três audiências ficarão

radiantes com a quarta parte, que trata das repercussões que essa emergente subversão da teoria econômica terá sobre a sociedade, e particularmente sobre as empresas. Quem conhece um pouco da imensa produção dos administradores sobre o tema da estratégia certamente ficará fascinado com os casos citados, que comprovam a imensa superioridade da perspectiva adaptativa quando comparada às convencionais abordagens baseadas em idéias de "visão" e coisas do gênero. O mesmo pode ser dito sobre toda a teorização proposta até aqui a respeito das organizações.

Ainda mais esclarecedor será o penúltimo capítulo, dedicado às finanças, pois mostra quanto são bobos os modos de tentar entender crises como a que foi recentemente desencadeada pela queda da bolsa de Xangai. E por último - mas não menos importante - surge o impacto desse resgate da evolução e da complexidade no âmbito da economia para o entendimento da dinâmica política, com destaque para o debate que continua a opor esquerda e direita sobre o futuro das sociedades capitalistas.

**José Eli da Veiga é professor titular do departamento de economia da FEA/USP e coordenador de seu Núcleo de Economia Socioambiental (NESA).**